

Editorial

Fausto Antonio de Azevedo

Farmacêutico-Bioquímico, USP; Especialista em Saúde Pública, USP; Mestre em Análises Toxicológicas USP; ex-Coordenador de Toxicologia da CETESB-SP; ex-Professor Titular de Toxicologia da PUC-Campinas; ex-Diretor Geral do Centro de Recursos Ambientais CRA-BA; ex-Gerente de Vigilância Sanitária da Secretaria da Saúde-BA; ex-Presidente do CEPED-BA, ex-Subsecretário do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Estado da Bahia, ex-Superintendente de Planejamento Estratégico do Estado da Bahia. Professor e co-Coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Toxicológicas das Faculdades Oswaldo Cruz, São Paulo.

No Levítico 18:24 pode-se ler: “Com nenhuma destas coisas vos contaminareis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu lanço de diante de vós.” Embora a escritura bíblica esteja, estrito senso, se referindo a um contexto distinto, sobretudo o do comportamento sexual humano e das relações parentais, podemos inferir (e talvez essa outra interpretação esteja mesmo subjacente ao texto original) que o mesmo se aplicaria às relações do ser humano com o meio ambiente terrestre. Afinal, se todos nós nascemos da Terra, ela tem conosco e nós temos com ela uma relação muito íntima de parentesco e conspurcá-la com nossos desejos, práticas e presunção seria equivalente a *desnudar* a mãe ou a filha ou a irmã, o que constitui transgressão severa, que sempre acarreta conseqüências por demais danosas, isto é, qualquer suposto prazer ou benefício é prontamente descompensado por um prejuízo (*desprazeroso*) de intensa e permanente magnitude. E já que invocamos a Bíblia, recordemo-nos ainda uma vez do que registra o Gênesis 2:15 “O Senhor Deus colocou o homem no jardim de Éden, para nele trabalhar e para o guardar.” O Éden confunde-se com o planeta e ‘guardar’ encontra um perfeito entendimento em *cuidar de, zelar*. É inegável que o ser humano tem trabalhado muito ao longo de toda sua história e pode mesmo se orgulhar disso. Mas quanto a cuidar do planeta, o planeta que na visão bíblica é uma criação do Criador e, ainda que, na concepção bíblica também, foi criado para dele o homem retirar a satisfação de suas necessidades, quanto a zelar por ele, insistíamos, parece que temos falhado escandalosamente. Dois fatos graves desses últimos dias atestam essa nossa assertiva: a flagrante perda de biodiversidade e a brutal contaminação por lama tóxica. Um de escala global e o outro local, porém

ambos de imensa magnitude e igualmente ligados ao modo operacional da civilização atual.

No dia 13 de outubro, o jornal *O Estado de São Paulo* divulgou matéria com a seguinte manchete: “[Planeta perdeu 30% de recursos naturais](#)”. Nela aprendemos que “Em menos de 40 anos, o mundo perdeu 30% de sua biodiversidade. Nos países tropicais, contudo, a queda foi muito maior: atingiu 60% da fauna e flora original. Os dados são do Relatório Planeta Vivo 2010, publicado a cada dois anos pela organização não governamental WWF. O relatório, cujas conclusões são consideradas alarmantes pelos ambientalistas, é produzido em parceria com a Sociedade Zoológica de Londres (ZSL, na sigla em inglês) e Global Footprint Network (GFN). ‘Os países pobres, frequentemente tropicais, estão perdendo biodiversidade a uma velocidade muito alta’, afirmou Jim Leape, diretor-geral da WWF Global. ‘Enquanto isso, o mundo desenvolvido vive em um falso paraíso, movido a consumo excessivo e altas emissões de carbono.’ A biodiversidade é medida pelo Índice Planeta Vivo (IPV), que estuda a saúde de quase 8 mil populações de mais de 2,5 mil espécies desde 1970.”

Também em outubro, no início do mês, dia 4, fomos todos negativamente surpreendidos pela notícia de um grave vazamento em um reservatório de resíduos químicos, em Ajka (oeste da Hungria). Mais de 1,1 milhões de metros cúbicos da “[lama vermelha](#)” (resíduo proveniente do processo de produção de alumínio) alcançaram localidades vizinhas, ocasionando vários óbitos e deixando mais de 100 feridos com queimaduras químicas, além de causar sérios danos à biota da região. Segundo Joe Hennon, um dos representantes da Comunidade

Européia, a composição completa da lama ainda não foi totalmente definida ou divulgada, mas suspeita-se que, além da soda cáustica, estejam presentes metais pesados como chumbo, arsênio, mercúrio e outros.

A natureza em comum desses dois eventos é que eles têm em sua gênese a mesma substância motriz, a saber: uma ação humana tecnicista e prepotente, voltada para a exacerbação da acumulação de seus ganhos materiais, com perda da percepção do *sentimento oceânico* de integração e comunhão total a que se referia Romain Rolland em sua correspondência com Sigmund Freud, ou se essa perda não for por si capaz de explicar nossa *ecopatologia*, o que temos então é, como insinuou Félix Guattari, um amplo desequilíbrio entre nossas três ecologias: a mental, a social e a ambiental.

A Revinter, que se intitula *Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade*, mantém seu foco nesse campo de tensão: o que temos feito, como humanidade, que reforça o risco ambiental, o risco ecotoxicológico e o risco toxicológico, e o que deveríamos estar minimamente fazendo para diagnosticar recorrentemente esses riscos e gerenciá-los.

Nesse número, dentre outros, o artigo de Carlos Eduardo M. Santos lida com os riscos do botulismo, que pode ser até intencional, e nos alerta que o assunto permeia o conhecimento num múltiplo panorama de circunstâncias: ataques biológicos; uso clínico da toxina botulínica; cosmiatria; etc., além da velha intoxicação alimentar. O autor discute que “com

os adventos da biotecnologia farmacêutica, como novo campo da farmacologia contemporânea, novos estudos buscam opções terapêuticas mais efetivas no tratamento do botulismo” e apresenta recentes e relevantes pesquisas para isso, com destaque de modernas abordagens farmacológicas.

Já o artigo de Fábio Kummrow e colaboradores nos sinaliza para o risco de mutagenicidade que se pode verificar em diferentes tipos de efluentes recebidos pelas Estações de Tratamento de Esgoto (ETE). Os autores advertem que o lodo gerado, mesmo após digestão pode conter quantidades variadas de compostos mutagênicos, que muitas vezes possuem estrutura química e toxicologia desconhecidas. Reforçam que para conhecimento da periculosidade do material é essencial a sua avaliação por meio de testes de mutagenicidade. Os dados obtidos pelos pesquisadores evidenciam que “a mutagenicidade das amostras de lodo variou de acordo com as ETE e com as diferentes campanhas, fato que pode estar relacionado com as diferenças nas características dos efluentes tratados nas ETE e/ou ao tipo de tratamento aplicado.”

Parece, deveras, que viver é nada mais nada menos que um exercício de superação de riscos. Logo, a conduta inteligente diante da vida que temos é, de um lado não gerar (mais) riscos desnecessários e, de outro, fortalecer incessantemente a grande ciência do gerenciamento de riscos e disseminar seus conhecimentos, práticas e atitudes de espírito. Afinal de contas, ninguém quer se sentir mal com sua própria civilização...

Boa leitura!